

## Resenha

# **Bolsonaro e o bolsonarismo: o governante que não quer governar<sup>1</sup>**

**NOBRE, Marcos. Ponto Final: a guerra de Bolsonaro contra a democracia. São Paulo: Todavia, 1ª ed., 2020, 80 p.**

**Jordana de Souza Santos\*<sup>1</sup>**

**M**arcos Nobre, professor do Departamento de Filosofia da Universidade de Campinas e Presidente do tradicional e renomado Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), discorre neste livro sobre aspectos do governo do Presidente da República Jair Messias Bolsonaro, tendo como pano de fundo a atuação descoordenada do Brasil frente à pandemia do novo coronavírus. O livro foi publicado em meados do ano de 2020 em meio ao crescimento alarmante do número de infectados e de mortes por conta da doença, período em que ainda não havia previsão de vacina e a “CPI da Covid 19” não havia sido instaurada. Por se tratar de um compilado dos pressupostos apresentados pelo autor em artigos publicados entre os anos de 2016 e 2020, o livro é um ensaio curto e possui uma linguagem bastante acessível, levantando questões contundentes que contribuem para as reflexões acerca da conjuntura política atual. Nesta resenha elucidaremos alguns pontos que o autor desenvolve no decorrer do texto, complementando com fatos recentes.

Nobre inicia o livro enfatizando a caracterização popular e, por vezes, feita por intelectuais sobre o indivíduo Jair Bolsonaro. A palavra indivíduo é empregada em lugar de Presidente porque os xingamentos como “burro”, “louco” e afins, desferidos contra Bolsonaro parecem não ter precedentes entre outros Presidentes que governaram nosso país. Trata-se de uma linguagem esdrúxula que geralmente está presente em conversas informais reservadas ao mundo privado das relações pessoais. Costumávamos nos referir em público

---

<sup>1</sup> Recebido em 31/01/2022. Aceito em 13/04/2022.

\*<sup>1</sup> Doutora em Ciências Sociais pela Unesp; mestre em Ciências Sociais pela Unesp. E-mail: [jordana.s.santos@unesp.br](mailto:jordana.s.santos@unesp.br).

aos governantes e demais autoridades de forma mais comedida. Com a ascensão das variadas redes sociais o alcance das nossas opiniões tomou grandes proporções, mas isto parece não nos intimidar, pelo contrário, tornou-se palco para alguns e ringue para outros. Sujeitos mais caridosos diriam que não devemos tratar Bolsonaro da mesma forma como ele trata as pessoas, portanto, chamá-lo de “burro” ou “louco” não poderia ser uma retaliação aos xingamentos que ele desfere aos seus adversários e não simpatizantes. Contudo, seguindo o raciocínio de Nobre, o maior problema destes xingamentos seria o de retirar a responsabilidade de Bolsonaro pelos rumos desgovernados do país e não simplesmente uma forma de retaliação. Isto porque “burros” ou “loucos” estão isentos de responsabilidades devido à sua condição. Fato é que mesmo antes da pandemia e de ser candidato à Presidência da República, Bolsonaro evidenciava, por meio de seu discurso e de suas atitudes, as características de uma personalidade preconceituosa, fascista e oportunista haja vista o comentário desferido contra a deputada Maria do Rosário (PT) em 2014 e que lhe rendeu um processo indenizatório<sup>2</sup>. Estas atitudes e discursos como “Não sou coveiro, tá!?”<sup>3</sup> são impensáveis a alguém que ocupa um cargo eleito democraticamente e nos levam a tachá-lo de “burro” ou “louco” tamanho o espanto por tais comentários.

Mas, como descreve o autor, esta é a forma peculiar de governar de Bolsonaro: o *caos como método*. Para se entender o *caos como método* é preciso “levar a sério” os argumentos mais insanos e descabidos de um indivíduo que não quer governar, mas que ocupa a posição de governante. Um outro qualquer seria desmerecido e desacreditado, mas não é possível fazer isso com o Presidente da República, considerando ainda seu forte apoio popular que se deve menos pela quantidade e mais pelo grande barulho que fazem seus apoiadores mais fanáticos e fundamentalistas. Não há outra forma de designar os apoiadores de Bolsonaro senão por fanáticos a quem ele dirige todos os discursos e atos que soam como despertador. Os argumentos insanos, bem como os apoiadores fanáticos, se dirigem agora às vacinas.

O *caos como método* de Jair Bolsonaro pauta-se no discurso antissistema que corresponde à negação de tudo aquilo que possa ser identificado ao “velho sistema político” corrupto e imoral que tomou conta do país desde a promulgação da Constituição Federal de 1988. Neste “velho sistema” as

---

<sup>2</sup> Bolsonaro disse à colega de parlamento: “Não te estupro porque você não merece”, após uma sessão na Câmara do Deputados. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/governo/maria-do-rosario-doa-r-19-mil-recebidos-como-indenizacao-de-bolsonaro/>. Acesso 28/01/2022.

<sup>3</sup> Fala de Bolsonaro aos jornalistas quando perguntado sobre as mortes por covid 19 em abril de 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/20/nao-sou-coveiro-ta-diz-bolsonaro-ao-responder-sobre-mortos-por-coronavirus.ghtml>. Acesso 28/01/2022.

instituições políticas estão viciadas e falidas, necessitando de mudanças profundas para que a sociedade brasileira siga evoluindo. Para Bolsonaro, sistema livre de corrupção e democrático só aquele instaurado pelo golpe militar de 1964. Embora cause estranheza relacionar regime militar e democracia é exatamente isso que Bolsonaro faz com naturalidade. Em meio às suas falas confusas ele não afirma ser contra a democracia, ainda que apoie manifestações pela volta do AI-5, pelo fechamento do Congresso e do STF, pela intervenção militar etc. Ao contrário, ele sempre ridiculariza as acusações de antidemocráticas contra as manifestações de seus apoiadores, afirmando que estas manifestações fazem parte da liberdade de expressão do povo que está insatisfeito e cansado da velha política.

Ora, e é justamente a velha política tão criticada por Bolsonaro que entrou em voga em seu governo depois que ele cedeu aos acordos com o “Centrão” do PMDB como forma de evitar um processo de impeachment que seria a maior consequência da crise gerada pela pandemia em seu governo. Apesar do agravamento da crise econômica e política, com a pandemia Bolsonaro ganhou tempo para fazer os ajustes e acordos necessários para garantir sua permanência no cargo, pois todos os esforços estavam voltados ao combate do novo coronavírus e à preservação da vida humana, o que tornava longínqua a possibilidade do impeachment. Entre os ajustes necessários estavam as demissões do Ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta e do Ministro da Justiça Sérgio Moro, por exemplo.

Conforme analisado por Nobre, mesmo com essas consideráveis mudanças no âmago do governo, os índices que mediam a popularidade de Bolsonaro não apontavam para diferenças significativas. Os apoiadores de Bolsonaro formavam um bloco quase intransponível, o que também dificultava articular saídas, principalmente se considerarmos o *modus operandi* destes apoiadores. Este *modus operandi* consiste no apoio cego e na crença em um projeto de estado antinormativo, antissistema, calcado na moral religiosa e conservadora. Bolsonaro representa este projeto, ainda que ele não tenha nenhum projeto de governo definido, o que já era visível na época de campanha e se confirmou durante seu governo. Um projeto de estado antinormativo significa que os apoiadores fanáticos de Bolsonaro idealizam um Estado onde as leis e as normas possam ser alargadas a fim de beneficiar o “cidadão de bem”. Neste ínterim, a liberação do porte de armas, o afrouxamento de leis ambientais e de trânsito, a condenação às ações de isolamento social determinadas pelos governadores estaduais, entre outros, definiam este aspecto antinormativo do Estado.

Mesmo com a instalação da “CPI da Covid 19” no ano de 2021 que trouxe à tona depoimentos importantes de funcionários públicos, Ministros,

empresários, familiares de mortos, médicos, cientistas etc, escancarando a corrupção nas negociações para compra de vacinas, a utilização de medicamentos sem eficácia no tratamento da covid 19, o patrocínio do negacionismo por empresários e médicos, em suma, o descaso completo do governo com a população diante do caos vivido no país, os apoiadores fanáticos mantêm sua lealdade a Bolsonaro que continua não medindo as palavras em suas lives semanais e aparições públicas. Isto tudo reflete a complexidade do governo Bolsonaro que se fortalece em meio ao enfraquecimento das instituições democráticas. Arrisco dizer que, desde a redemocratização, nunca vivenciamos uma situação tão alarmante em relação à perda de direitos, sucateamento dos serviços públicos, expansão do Estado mínimo e junto a isso um crescimento assustador da miséria, do desemprego, da violência, do descrédito na política e da desesperança.

Nobre relembra que a campanha de Jair Bolsonaro à Presidência pautou-se no restabelecimento da ordem, livrando o país dos ideais esquerdistas que tinham se alastrado durante os governos do PT. Os ataques aos partidos e militantes de esquerda feitos através da propagação de *fake news* eram a principal tática dos bolsonaristas e persistiram depois das eleições, alcançando outros partidos e militantes como o PSDB. Pois, os ataques bolsonaristas são dirigidos à “velha política” que integra todos os políticos e partidos atuais. Apesar de todas as contradições inerentes ao seu governo, como a prática de “troca de favores” que foi realizada com o “Centrão”, os fanáticos apoiadores de Bolsonaro acolhem e terminam por reverenciar esta prática que fora muito criticada em outros governos, sendo um dos slogans da campanha de Bolsonaro. Estes mesmos eleitores que diziam votar em Bolsonaro pelo seu discurso ilusório de inovação, de superação da corrupção no sistema político brasileiro etc, agora aplaudem as práticas mais espúrias. Isto porque Bolsonaro reforça a ideia de que utiliza tais práticas porque o sistema é forte, é rígido, difícil de penetrar e corromper, portanto, estas práticas são “um mal necessário”, justificando os fins pelos meios.

Nobre afirma que a imagem de “salvador da nação” encarnada em Bolsonaro por seus apoiadores fanáticos é respaldada na ideia do governo de guerra. Bolsonaro governa o país como se todos estivessem contra ele, com vistas a prejudicar seu governo, almejando sua derrota. Seu governo estaria acontecendo em meio à guerra com militantes de ideologias de todo tipo (comunistas, socialistas, liberais, feministas, negros, homossexuais, religiosos etc) que privilegiam “bandidos”, que querem destruir a família brasileira, incentivar a sexualidade sem limites nas escolas etc. Esta guerra se estende ao campo econômico e político, atacando outros países como a China, Venezuela e órgãos internacionais como a ONU e a OMS. Para os bolsonaristas fanáticos, a democracia brasileira está em risco, os “cidadãos de bem” estão sendo

alvejados diariamente por governos que “privilegiam” negros cotistas, feministas que odeiam homens, homossexuais e afins que desejam que todos sejam como eles. Bolsonaro foi eleito para livrar o país dessas influências, fazendo prevalecer a verdadeira democracia onde a meritocracia, desigualdade, machismo, intolerância étnica e religiosa imperam. O lado obscuro, ignorante e conservador do cidadão brasileiro que estava enclausurado, sem condições propícias para que pudesse vir à luz, saltou desse esconderijo na figura do “homo bolsonarus”.

O ataque de Bolsonaro à democracia é feito por dentro das instituições por meio de nomeações para cargos estratégicos e técnicos de indivíduos que atuam contrariamente aos interesses dos órgãos em que estão lotados. Era o caso do Ministro do Meio Ambiente Ricardo Salles que atuava em desconformidade com a missão da pasta, permitindo a “passagem da boiada” sem qualquer controle ou freio. Em outra linha de ataque, seguem as máquinas de *fake news* patrocinadas por políticos e empresários que atuam nas redes sociais. Nobre argumenta que estas seriam algumas das atividades que, caso investigadas, poderiam dar causa ao declínio de Bolsonaro, afinal, o parasitismo político, a corrupção, a proximidade com processados criminalmente ou suspeitos como o assessor Fabrício Queiroz etc, sempre estiveram presentes em sua carreira política. No entanto, apesar de o STF ter aberto inquérito de investigação das *fake news* que engloba também investigação sobre o chamado “Gabinete do Ódio” ligado diretamente ao Presidente, o núcleo duro e fanático dos apoiadores persiste e continua atuando.

Nobre finaliza o livro argumentando que, apesar de Bolsonaro ter falhado como Presidente e ainda desdenhar daqueles que mantêm os serviços públicos funcionando e buscam soluções para o enfrentamento da crise sanitária, o impeachment seria inviável por conta dos esforços no combate à pandemia, pela força dos seus apoiadores fanáticos, pela forte presença do partido militar em seu governo e pela ausência de uma frente ampla democrática. Quase dois anos após a publicação do livro, os argumentos do autor continuam válidos, principalmente em relação à descrição do modo de governar de Bolsonaro. Bolsonaro se manteve fortalecido ao promulgar o auxílio emergencial que atendeu minimamente aos milhares de desempregados, ao continuar manipulando seu eleitorado fanático e ao recuar cada vez que é encurralado, retornando em seguida com os mesmos discursos. O mérito do livro de Nobre é por ter sido uma das primeiras iniciativas de análise do governo Bolsonaro e abre um leque de problemas que podem ser densamente abordados por outros estudiosos. Ainda hoje, a inviabilidade do impeachment se faz presente, mais presente até que em 2020 uma vez que este ano teremos eleições. O governo Bolsonaro sobreviveu à crise sanitária e econômica, à alta inflacionária, à CPI da Covid 19, o que nos leva a concluir que nos habituamos às circunstâncias. A tal

frente ampla democrática que Nobre menciona não parece ser uma saída convincente haja vista o incômodo gerado entre militantes e a sociedade em geral de uma suposta aliança entre Geraldo Alckmin (PSDB) e Lula (PT), entre outras aproximações duvidosas. É claro que uma frente ampla democrática estaria para além destes dois partidos, todavia, usamos este exemplo somente para demonstrar que não é uma tarefa fácil congregar esquerda e direita contra Bolsonaro, ainda que ambas tenham interesse em derrubá-lo. Ademais, é perfeitamente possível especular que a direita oportunamente se utilize de Bolsonaro e do bolsonarismo. O desafio político de 2022 é grande e o bolsonarismo não é apenas uma corrente eleitoral de extrema direita, mas é uma corrente com elementos neofascistas e somente tendo essa dimensão é que poderemos combatê-lo e prevenir a sua expansão.